

O negacionismo científico em capas de revista: análise dialógico-digital de tecnografismos

**EMERSON TADEU
COTRIM ASSUNÇÃO**
ecotrim@uneb.br

Doutor em Letras pela Universidade Estadual de Santa Cruz, Brasil (2025)
Professor Assistente da Universidade do Estado da Bahia, Brasil
Bolsheiro PAC-DT da Universidade do Estado da Bahia, Brasil
ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-0739-7026>

**URBANO CAVALCANTE
FILHO**
urbano@ifba.edu.br

Doutor em Filologia e Língua Portuguesa pela Universidade de São Paulo, Brasil (2017)
Professor Titular do Instituto Federal da Bahia, Brasil
Professor do Programa de Pós-Graduação em Letras: Linguagens e Representações da Universidade Estadual de Santa Cruz, Brasil
ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-1429-5300>

PALAVRAS-CHAVE:
Pandemia;
Jair Bolsonaro;
Tecnografismo;
Revista Oeste;
Dialogismo.

ARTIGO RECEBIDO A:
25/02/2025
ARTIGO APROVADO A:
15/08/2025

RESUMO: Neste artigo, objetivamos mapear e categorizar as capas da revista *Oeste* (entre os anos de 2020 a 2022, período pandêmico da Covid-19) que tratam sobre temas correlatos com a pandemia da Covid-19 e analisar como a revista se posiciona dialógico-responsivamente com os discursos do ex-presidente Jair Bolsonaro sobre os mesmos temas. Partimos das noções de tecnografismo (Paveau, 2022) para compreender os elementos gráficos das capas da revista, analisamos a verbo-visualidade (Grillo, 2012) nelas registradas sob a ótica do dialogismo e da responsividade (Bakhtin, 2015; 2016; Volóchinov, 2018) e como os enunciados sobre a vacina aparecem carnavalizados (Bakhtin, 2013) em um desfile de escola de samba como críticas a Jair Bolsonaro. Trata-se de uma pesquisa qualitativa (Mussi; Mussi; Assunção; Nunes, 2019; Flick, 2009; Minayo, 2012) que estabelece interface entre a chamada Análise Dialógica do Discurso (Brait, 2006) e a Análise do Discurso Digital (Paveau, 2021). Os resultados evidenciam que os discursos de negação da ciência sobre a pandemia (entre 2020 a 2022) verbalizados/defendidos pelo ex-presidente Jair Bolsonaro (a) produziram eco em diversos segmentos, inclusive em veículos de informação que optaram por desinformar, como é o caso da revista *Oeste*, que defendeu discursos negacionistas em suas capas, alimentando a bolha (Fancelli, 2022) digital no entorno de Jair Bolsonaro, e (b) apareceram carnavalizados (Bakhtin, 2013) pela Escola de Samba Rosas de Ouro em 2022 como críticas ao ex-presidente.



Scientific Denialism on Magazine Covers: A Dialogical-Digital Analysis of Technographisms

**EMERSON TADEU
COTRIM ASSUNÇÃO**
ecotrim@uneb.br

PhD in Literature, State University of Santa Cruz, Brazil (2025)
Assistant Professor at the State University of Bahia, Brazil
PAC-DT Fellow, State University of Bahia, Brazil
ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-0739-7026>

**URBANO CAVALCANTE
FILHO**
urbano@ifba.edu.br

PhD in Philology and Portuguese Language, University of São Paulo, Brazil (2017)
Full Professor at the Federal Institute of Bahia, Brazil
Professor in the Graduate Program in Literature: Languages and Representations, State University of Santa Cruz, Brazil
ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-1429-5300>

KEYWORDS:
Pandemic;
Jair Bolsonaro;
Technographism;
Oeste magazine;
Dialogism.

ARTICLE RECEIVED ON:
02/25/2025
ARTICLE ACCEPTED ON:
08/15/2025

ABSTRACT: This article aims to map and categorize the covers of *Oeste* magazine (from 2020 to 2022, during the Covid-19 pandemic) that address topics related to the Covid-19 pandemic and to analyze how the magazine positions itself dialogically and responsively in relation to former president Jair Bolsonaro's discourses on the same issues. Drawing on the notion of technographism (Paveau, 2022) to understand the graphic elements of the magazine covers, we examine their verbo-visuality (Grillo, 2012) through the lens of dialogism and responsiveness (Bakhtin, 2015; 2016; Volóchinov, 2018), as well as how statements about the vaccine appear carnivalized (Bakhtin, 2013) in a samba school parade as criticism of Jair Bolsonaro. This is a qualitative study (Mussi; Mussi; Assunção; Nunes, 2019; Flick, 2009; Minayo, 2012) that establishes an interface between Dialogical Discourse Analysis (Brait, 2006) and Digital Discourse Analysis (Paveau, 2021). The results show that the discourses denying science during the pandemic (2020–2022), verbalized/defended by former Brazilian president Jair Bolsonaro, (a) resonated across various segments, including media outlets that chose to misinform, such as *Oeste* magazine, which promoted denialist discourses on its covers, thereby fueling the digital bubble (Fancelli, 2022) around Bolsonaro, and (b) appeared in carnivalized form (Bakhtin, 2013) in the 2022 Rosas de Ouro samba school parade as criticism of the former president.



CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Na era dos tecnodiscursos (Paveau, 2021), que se sedimentam como uma realidade concreta da língua em ambientes virtuais, as compreensões de texto parecem rumar para outras paragens, deusas distantes dos escritos de linguistas que o tratam como objeto de estudo, a exemplo de Marcuschi (2008), Koch e Elias (2002), Bentes (2001) e Koch (1997), para ficarmos apenas em alguns exemplos. Ainda que fundamentais, essas abordagens foram desenvolvidas em contextos de textualidade majoritariamente escrita, impressa e/ou com menor incidência de lógicas algorítmicas que, hoje, modulam o funcionamento discursivo nas redes. Com isso, não defendemos a superação das contribuições anteriores, mas reconhecemos que as novas práticas de leitura e escrita digital exigem novas formas analíticas atentas aos processos tecnolinguageiros contemporâneos. Assim, com o advento da comunicação em massa em ambientes virtuais, a semiose textual se reconfigurou: surgiram *memes*, *tweets*, *post*, *hashtags*, entre outros. O que há em comum entres essas semioses é o apelo por uma escrita mais direta, com poucas palavras e, sempre que possível, aliada a uma imagem que, sozinha, já é capaz de enunciar um discurso e, concordante ou não, produzir outros sentidos, outros enunciados (Volóchinov, 2018). A esse fenômeno, Paveau (2022) nomeia como tecnografismo em ambiente virtual.

Qual é, então, a pertinência ao abordar essas questões em um manuscrito que discute o impacto dos tecnodiscursos na negação da ciência? Primeiramente, porque advogamos que a realidade material da língua se manifesta por meio de textos, e esses podem não ser construídos apenas de palavras e mesmo de sintagmas menores, mas, sim, de uma unidade verbo-visual (Grillo, 2012) que produz sentidos. Em segundo lugar, porque acreditamos que os gêneros discursivos, realizados em enunciados concretos (Bakhtin, 2016) possuem uma capacidade nata de referir à língua enquanto materialização do pensamento, perpassado por relações com a só-

cio-história e resposta às provocações que a sociedade se/nos impõe. Por fim, porque estamos imersos em uma infinidade de tecnodiscursos que não apelam apenas para grafemas verbais, mas que evidenciam formas inúmeras de circulação de sentidos por meio de outras semioses e, por isso, carece de aproximações com estudos outros que coloquem texto-gênero-enunciado como processos dialógicos e responsivos de usos da linguagem que mostram relações de poder e lutas “a-históricas” por meio de grafismos virtuais (Paveau, 2021).

Embora os sujeitos estejam imersos, em todas as esferas sociais, em uma multiplicidade de gêneros discursivos, nos ambientes virtuais essa experiência se intensifica: a comunicação se realiza para além da palavra escrita, com a integração de diferentes linguagens e suportes semióticos que ampliam o alcance, a velocidade e os efeitos dos enunciados. Essa complexidade evidencia o poder da comunicação digital na constituição de sentidos e no agenciamento dos sujeitos. Paveau (2021) caracteriza esse tipo de comunicação como espaço de realização de tecnodiscursos e lugar de exibição de tecnografismos (Paveau, 2022). E é sobre esse tecnodiscurso, que se apresenta por meio de tecnografismos, que aqui evidenciaremos nossa investida teórica, seguida de gestos analíticos que permeiam a comunicação em ambientes virtuais e que tocam numa outra questão: os discursos de negação da ciência.

Feito esse preâmbulo, apresentamos o objetivo do presente estudo, qual seja: mapear nas capas da revista *Oeste*, entre os anos de 2020 e 2022, tecnografismos que tratam da pandemia da covid-19 (novo coronavírus) e analisar como esses discursos reverberam e recuperam posições de negação da ciência presentes em discursos do ex-presidente do Brasil, Jair Bolsonaro (2018-2022). A escolha pela revista *Oeste* se deu em decorrência de ser um periódico criado no período da pandemia e por possuir alinhamento ideológico, político e econômico¹ com o governo de Jair Bolsonaro. Como já defendemos em outros trabalhos (Assunção; Cavalcante

1. Disponível em: <https://revistaOeste.com/nosso-pacto/>

2. Disponível em: <https://portal.stf.jus.br/noticias/verNoticiaDetalhe.asp?idConteudo=477768&ori=1>

Filho, 2024a; Assunção; Cavalcante Filho, 2024b; Assunção; Cavalcante Filho, 2024c), o ex-presidente usou do negacionismo científico no período da pandemia como estratégia de gerenciamento da crise sanitária e, por esse motivo, é investigado no Supremo Tribunal Federal² por seus atos de omissão no enfrentamento da emergência em saúde pública a que estivemos expostos entre os anos de 2020 a 2022.

Metodologicamente, trata-se de uma pesquisa qualitativa (Mussi; Mussi; Assunção; Nunes, 2019; Flick, 2009; Minayo, 2012) interessada pela relação entre tecnodiscursos (Paveau, 2021) e discursos de negação da ciência (Assunção; Cavalcante Filho, 2024a; Assunção; Cavalcante Filho, 2024b; Assunção; Cavalcante Filho, 2024c), no período da pandemia do novo coronavírus no Brasil. Para a análise, nos valem de teorizações sobre tecnografismos em ambientes virtuais (Paveau, 2022), a exemplo da página digital da revista *Oeste*, e do dialogismo e da responsividade (Bakhtin, 2015; 2016; Volóchinov, 2018), estabelecidos entre os sentidos das imagens das capas da revista com os discursos de negação da ciência feitos por Jair Bolsonaro no período de publicação de cada número da revista e, também, de como o discurso presidencial anti-vacina apareceu carnavalizado (Bakhtin, 2013) no desfile da Escola de Samba Rosas de Ouro em 2022.

Dividimos este texto em três partes, a saber: na primeira, apresentamos o enquadre metodológico da pesquisa, os procedimentos de coleta dos dados, os aspectos constitutivos do objeto de estudo; em seguida, na segunda parte, fazemos uma discussão sobre tecnodiscursos, tecnografismos, enunciados e dialogismo à luz dos estudos da língua(gem), juntamente com a análise de cinco capas da *Oeste*; e, por fim, na última seção, concluímos o manuscrito com nossas considerações que se abrem para outros enunciados.

1. ASPECTOS METODOLÓGICOS

Este artigo faz parte de um *corpus* de pesquisa em que o negacionismo científico entre 2020 e 2022 está no nosso foco e escopo de interesse investigativo. Em dois outros textos (Assunção; Cavalcante Filho, 2024a; Assunção; Cavalcante Filho, 2024b), tratamos do negacionismo em redes sociais (*Facebook e Twitter* – hoje *X*) e em outro evidenciamos como o negacionismo esteve na pauta de investigação da Linguística Aplicada brasileira na referida cronotopia (Assunção; Cavalcante Filho, 2024c). Em todos eles, nos perguntávamos sempre: qual a fonte desse negacionismo e de que maneira ele circula como semiose nessas esferas? Uma questão que sempre nos chamou a atenção e que sinalizou para uma possibilidade de investigação era a recorrente presença de regularidades discursivas e modalizações enunciativo-semióticas presentes nos comentários nas redes sociais e nos objetos de investigações dos linguistas aplicados em seus manuscritos publicados nas principais revistas da área. Escavar na arquitetura a relação entre os enunciados que se repetem nas nessas semioses é o que motiva a pesquisa que aqui apresentamos.

Encontramos uma “fonte” que, de algum modo, alicerçava os posicionamentos dos sujeitos que verbalizavam os negacionismos nos seus discursos virtuais: uma revista semanal, assumidamente de direita e de apoio ao então presidente do Brasil, Jair Bolsonaro. Essa revista chama-se *Oeste*, um periódico virtual, com assinatura paga, composto por um coletivo de colunistas que referenciam o pensamento de cidadãos mais alinhados ao bolsonarismo³ e que tangencia em suas publicações defesas do ex-presidente e, de algum modo, um espaço virtual de alimentação de discursividades afeitas à direita e extrema-direita brasileira.

3. Entendemos o termo *bolsonarismo* como uma adjetivação que qualifica os eleitores, defensores e seguidores de Jair Bolsonaro. No *link* <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-62490534> é possível compreender como esse adjetivo é usado por apoiadores e críticos do ex-presidente. Aqui, utilizamos o adjetivo com a finalidade de qualificar os apoiadores/defensores de Jair Bolsonaro, especialmente nas redes sociais.

4. O discurso de autoridade é aquele que pretende se impor como verdade absoluta, revestido de um caráter monológico e fechado ao diálogo. Sua intenção é neutralizar a pluralidade de vozes, controlar a interpretação e regular os sentidos.

Na medida em que nos interessamos pelo negacionismo no período da pandemia e, sobretudo, como este negacionismo esteve presente nos discursos de autoridade⁴ (Volóchinov, 2018) de Jair Bolsonaro, selecionamos o marco-temporal investigativo os anos de 2020 (início da pandemia e agravamento da situação no Brasil), 2021 (início da vacinação em massa) e 2022 (campanhas de vacinação e eleições). Como afirmamos acima, analisaremos apenas as capas da revista, em que utilizamos os fundamentos da teoria do tecnografismo (Paveau, 2022) e do dialogismo, na perspectiva da chamada Análise Dialógica do Discurso (ADD) (Brait, 2006) e da Análise do Discurso Digital (Paveau, 2021).

Primeiramente, cumpre registrar que essa é uma pesquisa de perspectiva qualitativa (Mussi; Mussi; Assunção; Nunes, 2019; Flick, 2009; Minayo, 2012) em que o objeto estudado passa por um criterioso escrutínio do pesquisador, mas não como uma materialidade fechada nela própria, e sim carregada de impressões, reações e representações do olhar de quem se debruça sobre o objeto em si. Para nós (Assunção; Cavalcante Filho, 2024b), o objeto em investigação não é uma espécie de autópsia de um corpo sem reação. Assumimos que fazer pesquisa qualitativa em Linguística Aplicada se move nas várias possibilidades de interpretar um corpo vivo, ativo, responsivo, dialógico e controverso e, por isso, que sempre demanda uma sensibilidade maior da mão que conduz a linha pelo tecido em costura. Metaforicamente, não se trata de uma colcha de retalho e muito menos um quebra-cabeça aguardando encaixe de peças; nos posicionamos como sujeitos que estão afetados pelas discursividades que manuseamos na escrita deste texto e, por isso, com uma gama de variedades interpretativas e, desse modo, com um sem fim de possibilidades de (re)organizar as peças no tabuleiro. Somos e estamos circunscritos pela história, pelo tempo e pelo lugar em que nos posicionamos como sujeitos e o que apresentamos é um calidoscópio que parte de nossas observações sobre o quê pesquisamos e sobre como apresentamos para os leitores a confluência entre a teoria, que sustenta nossas

investidas, para as múltiplas respostas que os objetos nos deixam ver na opacidade de sentidos. É isso, em síntese, que advogamos como pesquisa qualitativa em interface com os estudos da linguagem em suas diversas semioses.

A revista *Oeste* teve seu número inaugural em 27 de março de 2020, mês que marca a primeira morte pela covid-19 no Brasil. Semanalmente, até 30 de dezembro de 2022, a *Oeste* publicou 145 números. Destes, 25 trataram de alguma forma sobre a pandemia e/ou sobre os efeitos dela na vida do brasileiro. Selecionamos todas essas 25 capas e as agrupamos em um quadro (Quadro 01) com as palavras-chave retiradas dos enunciados que compõem a capa.

Núm.	Link da capa	Palavras-chave/enunciado-chave
01	https://revistaOeste.com/edicoes-antteriores/?edition_slug=1	Covid
02	https://revistaOeste.com/edicoes-antteriores/?edition_slug=2	Vírus; oportunistas
03	https://revistaOeste.com/edicoes-antteriores/?edition_slug=3	Hidroxicloroquina; ideologia
07	https://revistaOeste.com/edicoes-antteriores/?edition_slug=7	Roubalheira; covidão
08	https://revistaOeste.com/edicoes-antteriores/?edition_slug=8	Imunes; servidores; casta; crise
09	https://revistaOeste.com/edicoes-antteriores/?edition_slug=9	Quarentena; época da peste
12	https://revistaOeste.com/edicoes-antteriores/?edition_slug=12	Retomada; reagir
14	https://revistaOeste.com/edicoes-antteriores/?edition_slug=14	Erro; <i>lockdown</i> ; covid-19
26	https://revistaOeste.com/edicoes-antteriores/?edition_slug=26	Educação; covid; futuro comprometido
32	https://revistaOeste.com/edicoes-antteriores/?edition_slug=32	Verdade; Coronavac; riscos
44	https://revistaOeste.com/edicoes-antteriores/?edition_slug=44	Vacina; vexame

Quadro 01 - Capas *Oeste* e Pandemia

Fonte - <https://revistaOeste.com/>

Quadro 01 (cont.) - Capas Oeste e Pandemia

Fonte - <https://revistaOeste.com/>

Núm.	Link da capa	Palavras-chave/enunciado-chave
46	https://revistaOeste.com/edicoes-antiores/?edition_slug=46	Mundo melhorando; pandemia; planeta melhor
50	https://revistaOeste.com/edicoes-antiores/?edition_slug=50	Totalitarismo; <i>lockdown</i> ; fique em casa
52	https://revistaOeste.com/edicoes-antiores/?edition_slug=52	Caos; morte; governos
56	https://revistaOeste.com/edicoes-antiores/?edition_slug=56	Aglomeraco; periferia; ônibus lotado; gabinetes
61	https://revistaOeste.com/edicoes-antiores/?edition_slug=61	Circo; pandemia, eleições 2022
64	https://revistaOeste.com/edicoes-antiores/?edition_slug=64	Brasil; presidente genocida; média parcial; militante
67	https://revistaOeste.com/edicoes-antiores/?edition_slug=67	Cononovac; perguntas sem respostas
83	https://revistaOeste.com/edicoes-antiores/?edition_slug=87	CPI; covido
84	https://revistaOeste.com/edicoes-antiores/?edition_slug=84	CPI da covid
87	https://revistaOeste.com/edicoes-antiores/?edition_slug=87	Vida normal; pandemia
93	https://revistaOeste.com/edicoes-antiores/?edition_slug=93	Confisco da liberdade; pandemia; chefes do combate
97	https://revistaOeste.com/edicoes-antiores/?edition_slug=97	Tirania; vacina
98	https://revistaOeste.com/edicoes-antiores/?edition_slug=98	Esquerda negacionista; Lula
104	https://revistaOeste.com/edicoes-antiores/?edition_slug=104	Chega; fim da pandemia

O critério de escolha levou em consideração palavras como pandemia, covid-19, covid, novo coronavírus, isolamento, *lockdown* e vacinas, termos que foram recorrentes nas discursividades que utilizamos no período pandêmico no Brasil. Em seguida, após escrutinar minuciosamente os tecnodiscursos presentes nestas 25 capas, selecionamos as cinco que, conforme nossa análise, mostraram regularidades que se coadunam com os discursos de negação da ciência verbalizados por Jair Bolsonaro⁵, presidente do Brasil no período da pandemia. São as capas 03, 14, 32, 50 e 67.

De posse dessas palavras-chave, fizemos uma busca simples no www.google.com utilizando a mesma data, seguida da palavra Bolsonaro e, conforme Paveau (2022), da palavra imagem, que evidencia uma tipologia tecnográfica. Os achados estão dispostos na seção subsequente, espaço que ocupamos para evidenciar a teoria em confronto com as principais recorrências que a busca gerou. Na primeira análise, apresentamos a capa da edição 03 da revista. Nas demais, realizamos um cotejamento em que as regularidades discursivas estão postas em evidência por meio de uma triangulação, haja vista a proximidade dos termos recorrentes nas capas pesquisadas, a saber: análise 02, as capas 14 e 50 (*lockdown*/isolamento) e análise 03, com as capas 32 e 67 (vacina e Coronavac).

2. O TECNODISCURSO DE NEGAÇÃO DA CIÊNCIA (ENTRE)VISTO EM CAPAS DE REVISTA

2.1. O NEGACIONISMO EM DRÁGEAS: A CLOROQUINA/HIDROXICLORQUINA

Em abril de 2020, o Brasil e o mundo viviam já o período em que se tinha declarado a situação de pandemia. Qualquer informação naquela cronotopia já desencadeava em nós um renque de emoções: medo da doença, ansiedade por boas notícias, curiosidades sobre o que fazer para

5. Valemo-nos aqui de um mapeamento já feito por nós em outro manuscrito (Assunção; Cavalcante Filho, 2024c).

enfrentar a patologia à espreita na porta e muitas perguntas. A capa 03 da revista *Oeste* parecia uma miragem para os seus leitores: constava um remédio capaz de barrar o mal. Entretanto, naquela data, a ciência já havia se posicionado: a hidroxicloroquina/cloroquina não se mostrou eficiente e o uso indiscriminado poderia causar um mal maior. O medicamento teve grande procura, tendo esgotado na maioria das farmácias, e fez com que em março de 2020 a Agência Nacional de Vigilância Sanitária (ANVISA) editasse uma portaria⁶ tornando a medicação como de uso controlado por meio de receita médica obrigatória e retida.

6. <https://encurtador.com.br/6pvWo>

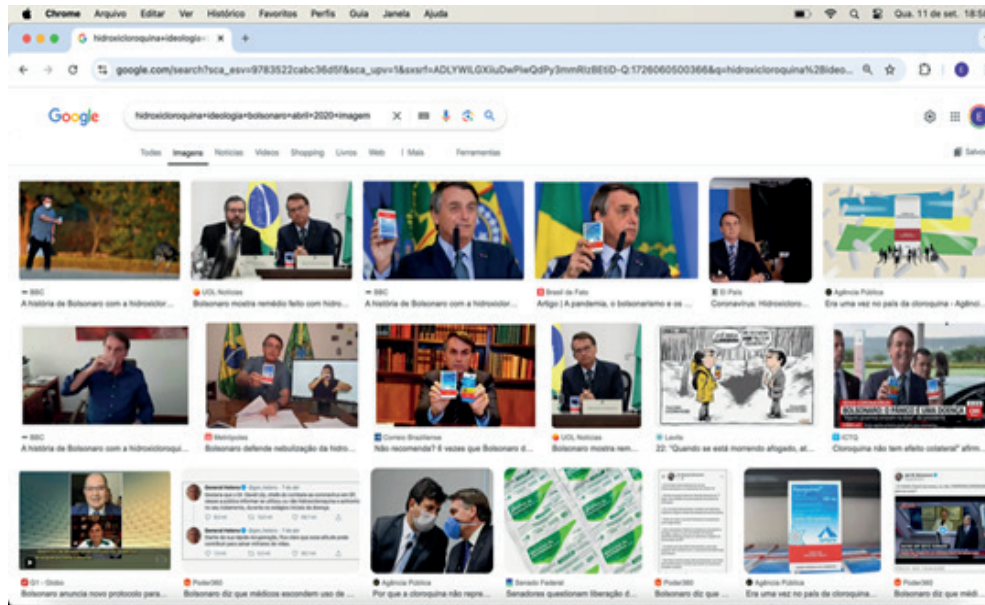
Na capa 03 aparecem as palavras-chave *hidroxicloroquina* e *ideologia* (Imagem 01). Na busca simples no www.google.com acrescentamos o nome Bolsonaro, o mês, o ano da capa da revista e a palavra imagem, que gerou a seguinte sequência: hidroxicloroquina+ideologia+bolsonaro+abril+2020+imagem. Nessa busca, procuramos por tecnografismos e, à medida que eles aparecem, analisamos os primeiros achados. Vejamos, abaixo, a capa da revista de onde retiramos as palavras-chave e, em seguida, a busca simples (Ecologia 01).

Imagem 01 - Edição 03. Revista *Oeste* (10/04/2020)

Fonte - https://revistaOeste.com/edicoes-antiores/?edition_slug=3



A busca simples mostrou a ocorrência de diversos pronunciamentos de Bolsonaro sobre os temas em questão. Podemos ver, na ecologia tecnodiscursiva⁷ (Paveau, 2021) abaixo, o seguinte resultado⁸:



Observamos, por exemplo, nos cinco primeiros achados: quatro veículos de informação diferentes que recuperam essas palavras e mostram como Jair Bolsonaro usou da hidroxicloroquina ou cloroquina (termos que se equivalem) em seus pronunciamentos, muito embora apenas as imagens estejam em evidência. Apesar de, nesse mesmo período, a ciência já tivesse alertado para a ineficácia do medicamento, o ex-presidente fez a indicação desse fármaco em seus posicionamentos gerando no interlocutor desinformações e registrando um negacionismo do governo no e para o gerenciamento da crise sanitária.

7. Paveau (2021) afirma que é importante usar a ferramenta *printar* para se conseguir ver a ecologia do tecnodiscurso, ou seja, o discurso em seu ambiente natural com todas as suas redes de informações, como curtidas, *retweets*, comentários, cronotopo, propagandas, entre outros. Por esse motivo, as capturas de tela registram a totalidade da tela da página, evidenciando informações como dia e hora, por exemplo.

8. Disponível em: <https://shre.ink/bStC> Acesso em: 20 dez. 2024

Ecologia 01 - busca google.com da sequência hidroxicloroquina+ideologia+bolsonaro+abril+2020+imagem

Fonte - www.google.com/imagem

9. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/internacional-52466295>

10. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/politica/veja-10-vezes-em-que-bolsonaro-criticou-corona-vac-24843568>

11. Cumpre registrar que, conforme análise nossa disponível em Assunção e Cavalcante Filho (2024c), a recorrência do termo “vírus chinês” e a acusação de a China ter criado o vírus para espalhar o comunismo pelo mundo esteve presente nos discursos de Bolsonaro e de seus apoiadores.

Além disso, quando partimos para a análise das imagens da capa da revista, temos: um fundo na cor vermelha que, historicamente, é usada como cor predominante de partidos e movimentos políticos alinhados à esquerda (e, no cenário global da pandemia, havia a acusação contra a China por uma suposta crise proposital gerada pelo vírus com o intuito de vender vacinas)⁹. Também, podemos ver, sombreado ao fundo, a foice e o martelo, signos ideológicos usados pelos partidos de esquerda, simbolizando a força do trabalho do campesinato e do operariado (Corrêa, 2019). Isso esteve presente, por exemplo, em discursos do ex-presidente¹⁰ contra a CoronaVac, uma vacina contra a covid-19 criada pela China e oferecida ao Instituto Butantan para a fabricação no Brasil, e imagens de drágeas de medicamentos e medicamentos em suas embalagens. Essas imagens indiciam a seguinte leitura naquele período: a) como estávamos atônitos com a pandemia em si e com o crescente número de mortes e sem um medicamento eficaz contra a patologia, a *Oeste* reproduz, reforça e nos oferece uma solução para aquele problema, a hidroxicloroquina e b) paralelamente a isso, a forma de apresentação dos enunciados (em letras grandes, destacadas por um fundo preto) *solução* e *ideologia* nos remetem à ideia de que a pandemia poderia acabar caso a ideologia (de esquerda¹¹, uma vez que a revista se assume ideologicamente de direita) assim deixasse. O interlocutor faz a leitura do texto e da imagem e, nesse processo, ativa, em seu imaginário sócio-discursivo, enunciados anteriores vivenciados, estabelecendo paralelos valorativos com discursos de autoridade e de outros que circulam em seus ambientes virtuais, como podemos ver abaixo nos exemplos dos tecnografismos:



Imagem 02 - Tecnografismo 01

Fonte - <https://apublica.org/2020/10/era-uma-vez-no-pais-da-cloroquina/>



Imagem 03 - Tecnografismo 02

Fonte - https://lavits.org/lavits_covid19_22-quando-se-esta-morrendo-afogado-ate-jacare-e-tronco-para-se-agarrar1-cloroquina-e-medicos-em-grupos-de-direita-do-telegram/

12. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-57166743>

13. Disponível em: <https://www.uol.com.br/vivabem/noticias/redacao/2020/05/08/covid-19-maior-estudo-ate-agora-aponta-que-hidroxicloroquina-e-ineficaz.htm>

14. Disponível em: https://www.em.com.br/app/noticia/politica/2020/12/10/interna_politica,1219451/bolsonaro-indica-cloroquina-sem-prescricao-eu-sei-que-nao-tem-mane.shtml

15. Disponível em: <https://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2021/06/12/bolsonaro-e-seguidores-insistem-em-tratamento-com-cloroquina-ineficaz-contr-a-covid.gh.html>

16. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2021/12/bolsonaro-volta-a-defender-hidroxicloroquina-e-a-atacar-vacinas-e-quarentena.shtml>

Esses enunciados foram os dois primeiros que apareceram nos achados que a busca simples gerou no *site* www.google.com e servem de exemplo para mostrar de que forma a imagem da caixa do medicamento aparece na Imagem 02 como um portal de salvação, com drágeas saindo tipo luzes indicando o fim da escuridão. Ao fundo, as cores da bandeira do Brasil. Além disso, apresenta uma diversidade de cidadãos. Ela estabelece estreita relação dialógica (Bakhtin, 2015) com a imagem de Bolsonaro segurando a caixa de cloroquina em um pronunciamento oficial¹², no qual, ao recorrer ao discurso de autoridade (Volóchinov, 2018), fez uma prescrição medicamentosa e, ao mesmo tempo, se mostra como um discurso negacionista, visto diversos órgãos reguladores terem feito pronunciamentos sobre a ineficácia desse medicamento e sobre os riscos do seu uso indiscriminado¹³. Mesmo desaconselhado pelos órgãos internos de governo (Anvisa e Ministério da Saúde), Jair Bolsonaro continuou a indicar o medicamento reiteradamente por todo o período da pandemia, atestando a eficácia da medicação contra a covid-19.

Já a **Imagem 03** evidencia um tecnografismo de crítica às posições adotadas por Bolsonaro em um curto tempo, quando, numa semana ele indica o medicamento como aquele capaz de por fim à pandemia e, na semana subsequente, após críticas, parece isentar-se de suas responsabilidades e passa a função para a medicina fazer ou não a indicação da cloroquina. O ex-presidente, em cada pronunciamento, embora tergiversando de seus comprometimentos, reorganiza sua modalização discursiva e sempre apresenta um novo enunciado em que o medicamento: a) funciona¹⁴; b) pode funcionar¹⁵, mas ele é “impedido” de indicar e c) há uma conspiração¹⁶ contra o fármaco para vender vacinas. Entretanto, em momento algum Bolsonaro se desculpou pela indicação medicamentosa indevida, tampouco reconheceu a ineficácia deste.

2.2. O ISOLAMENTO/LOCKDOWN: A MÁSCARA DA ECONOMIA

Os efeitos do discurso da cloroquina/hidroxicloroquina ainda pululam o imaginário do brasileiro e os usos do medicamento presentificam uma memória recente. Afinal, em 2025 há um defensor da cloroquina em cargo consultivo/deliberativo no Conselho Federal de Medicina (CFM)¹⁷ e é comum ler em comentários de portais de notícias que o ex-presidente Bolsonaro tinha razão ao indicar o medicamento para “barrar” os efeitos da pandemia. Isso mostra que o discurso de negação da ciência, como quaisquer outros discursos, não se apaga; pelo contrário, se reinventa, dialoga com o novo atualizando-o e coloca em circulação um outro enunciado responsivo às provocações cronotópicas.

A *Oeste* nunca fez uma errata sobre o apoio que deu para o discurso de Bolsonaro em relação à hidroxicloroquina/cloroquina. Mais que isso, a revista apostou em um outro negacionismo e trouxe duas capas de edições estampando efeitos de sentido contrários ao isolamento social/lockdown. São elas:



17. <https://valor.globo.com/politica/noticia/2024/08/08/defensores-da-cloroquina-e-da-restricao-do-aborto-legal-mantem-poder-no-conselho-federal-de-medicina.ghtml>

Imagem 04 - Edição 14. Revista Oeste (26/06/2020)

Fonte - https://revistaOeste.com/edicoes-anteriores/?edition_slug=14

Imagem 05 - Edição 50. Revista Oeste (05/03/2021)

Fonte - https://revistaOeste.com/edicoes-antiores/?edition_slug=50



Embora as duas capas possuam lastro temporal significativo, com quase um ano de distância entre elas, a aposta na ideia de que o isolamento/*lockdown* incorria em erro ainda ocupava a pauta de discussões da revista, mesmo que a ciência mundo a fora tenha dito que, dadas as formas de contágio pelo vírus, dos estudos ainda em desenvolvimento sobre as formas de contágio, da dificuldade de produção de máscaras para a população mundial, entre outros fatores, o isolamento se mostrava como determinante para evitar uma contaminação em massa, para evitar a superlotação e sobrecarga de hospitais, o colapso do sistema funerário e de uma barbárie em praça pública¹⁸.

18. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbti/a/w5ncnKcbTKRR9LDY-VYsj6mg/?format=pdf&lang=pt>

Ainda que os enunciados verbais não sejam o motivo primeiro de nossa investida analítica, cumpre registrar que esses, presentes nas duas capas, evocam uma politização do isolamento/*lockdown* como uma forma arbitrária e mesmo ditatorial (**erro**, na edição 14 e **imposição**, na edição 50) imposta ao povo brasileiro. A revista, quando recorre aos termos em negrito, se posiciona como uma espécie de balizadora do que é o correto em uma esfera de discussão que é científica. Muito embora o gênero capa de revista não tenha que publicar, obrigatoriamente, uma fonte de sustentação científica, entendemos que apelar para a ciência quando dela se trata em uma chamada é importante para dar embasamento epistemológico. A própria *Oeste* faz isso em algumas edições, como podemos observar na sua página: www.revistaoeste.com.br. Para além do signo linguístico, que por sua natureza já materializa uma história, memória, diálogo, resposta, entre outros, a semiótica das imagens nos diz muito sobre uma materialidade em análise. Na condição de leitores de uma capa de revista, por exemplo, nos deparamos com os efeitos da verbo-visualidade e, por meio de gestos de leitura, fazemos movimentos interpretativos em que o dialogismo e a responsividade se manifestam de formas intrínsecas e mnemônicas. Sobre isso, Grillo (2012) evidencia que

as imagens são lidas conjuntamente com os aspectos verbais (títulos, legendas, olho, etc.), constituindo-se em um primeiro nível de leitura que pode não ser seguido pela leitura do texto integral. Com isso, os aspectos verbo-visuais da configuração de uma página de jornal, por exemplo, podem assumir uma autonomia relativa em relação ao restante da reportagem (Grillo, 2012, p. 244).

Pensando na autonomia de que fala Grillo (2012) e dada a cronotopia em que as edições das revistas foram publicadas, o leitor chega a conclusões sobre o isolamento/*lockdown* como um erro, uma imposição, uma política totalitária e um cerceamento de liberdade. Voltando os

olhares apenas para a constituição dos tecnografismos nas capas das revistas, podemos observar que: a) na capa 14, a imagem do vírus ao centro, dentro de uma forma geométrica triangular, que sinaliza uma iconicidade comum em placas e avisos. Costumeiramente, essas placas e avisos, quando dispostos em forma triangular e na cor amarela, conforme ABNT (2004), significam alerta ou uma necessidade de maior atenção. Isto é, podemos ler pela iconicidade que aquela área é de circulação do vírus e, como estávamos em uma condição de confinamento, a política de saúde pública de isolamento não estava funcionando; e b) na capa da edição 50, por sua vez, aparece um fundo verde com uma fila de ovelhas (um rebanho) em marcha, que apela para a ideia de uma doutrinação em que os sujeitos (ovelhas) seguem firmes os discursos de ordem. Por si só, a capa, sem o apelo verbal, já indicia uma espécie de doutrinamento (posições iguais), ordenamento (fila) e falta de resistência (não se interpreta nas imagens nenhum movimento diferente entre as ovelhas). Entretanto, cabe lembrar que o Brasil não passou por um *lockdown* total como outros países. Conforme se observou nessa época, mesmo com as imposições de confinamento via órgãos de saúde pública, havia aglomerações de cidadãos em diversos locais, inclusive em atividades com o ex-presidente Bolsonaro.

19. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/politica/bolsonaro-participou-de-pelo-menos-84-aglomeracoes-desde-inicio-da-pandemia-de-covid-19-25048811>

20. Disponível em: https://oantagonista.com.br/brasil/para-bolsonaro-pede-que-cerca-seja-retirada-e-incentiva-aglomeracao/#google_vignette

Para complementar nossa análise, lançamos mão de uma busca simples no www.google.com dos termos *lockdown*+*pandemia*+*aglomeração*+*Bolsonaro*+*imagem*. Nessa sequência, optamos pelo termo *lockdown* por ser recorrente nas duas capas em análise; também não determinamos o mês e ano, pois as capas se dão em duas cronotopias distintas; por fim, adicionamos a palavra *aglomeração*, pois foi um dos efeitos de sentido dos discursos presidenciais à época da pandemia, uma vez que Jair Bolsonaro participou¹⁹ e incentivou²⁰ aglomerações quando as restrições à circulação eram normas vigente no país. Vejamos os enunciados que a busca forneceu:

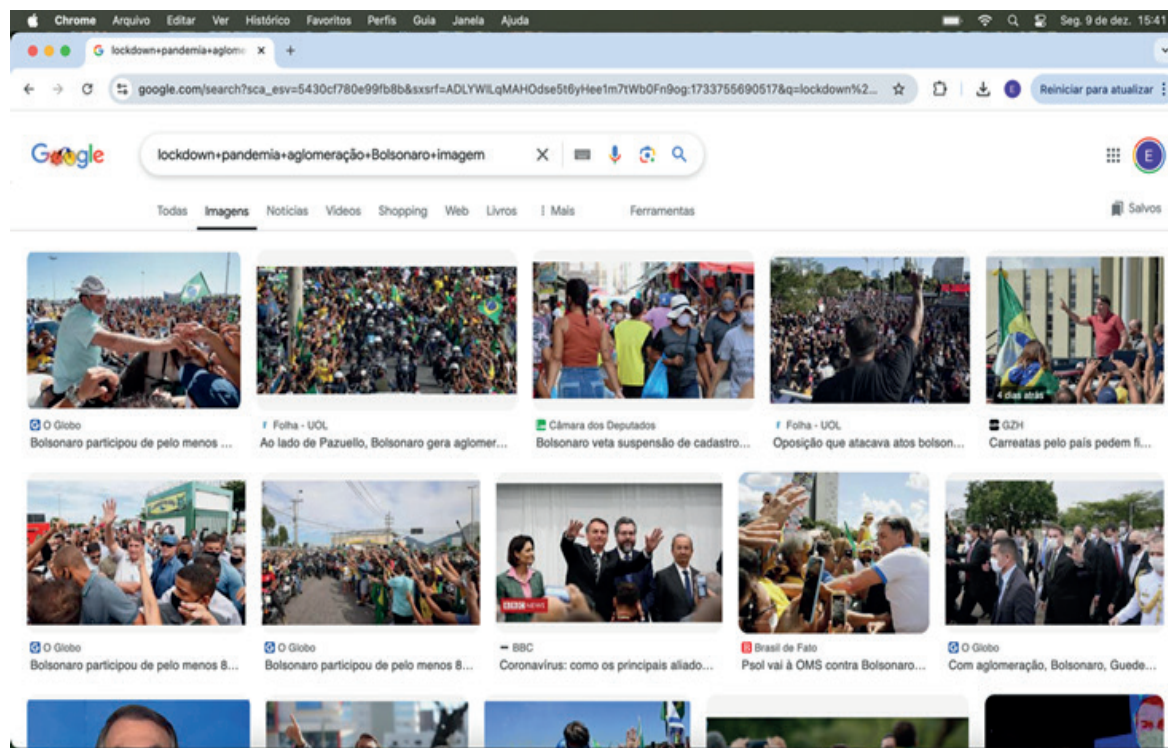


Imagem 06 - Busca no google.com (lockdown+pandemia+aglomeração+Bolsonaro+imagem)

Fonte - <https://shre.ink/bSSM>

A importância de analisar os tecnografismos em uma sociedade amplamente influenciada pelo que circula nos ambientes virtuais, sobretudo com o apelo a imagens, se dá pela necessidade de “desobviar” aquilo que parece cristalino aos olhos do sujeito que se informa por meio da comunidade digital. Parece haver sempre uma relação de causa-efeito também no objeto do nosso estudo. Não se escolhe, não se cria, não se edita uma imagem aleatória para ilustrar uma verbo-visualidade de capa de revista. É tudo ideológica, dialógica e responsivamente pensado, selecionado, organizado. A imagem produz um efeito de sentido com autonomia, sem a

necessidade de “muletas” languageiras para enunciar; ela é, por sua natureza, um enunciado. Não se trata de uma imagem “adâmica” na frente dos nossos olhos, mas, sim, uma resposta à provocação que a natureza do diálogo suscitou. Por isso, é um enunciado que reverbera uma memória, um acordo que manifesta uma posição responsiva. É nesse sentido que

21. Em tradução livre: “Para dar conta desses novos observáveis que são as produções verbais digitais, devemos também pensar sobre o lugar e os efeitos da tecnologia digital nas teorias da linguagem (Paveau, 2012), e nos munir de uma teoria que possa apreender sua dimensão técnica: isto é, o que propõe a análise do discurso digital (doravante DNA), apelando a uma análise ecológica, ou seja, partindo dos próprios ecossistemas digitais e não tomando mais como objeto de investigação os segmentos linguísticos extraídos de seus ambientes (abordagem logocêntrica), mas desses ambientes digitais como um todo (Paveau, 2013b) (Paveau, 2016, p. 14).

22. Metáfora utiliza por Paveau para aludir à capacidade do discurso de se transformar e adaptar, que mesmo quando confrontado ele ressurgem em novas formas e espaços, ou seja, não desaparece totalmente.

Pour rendre compte de ces nouveaux observables que sont les productions verbales numériques, il faut également penser la place et les effets du numérique dans les théories du langage (PAVEAU, 2012), et s'équiper d'une théorie qui puisse saisir sa dimension technique : c'est ce que propose l'analyse du discours numérique (désormais ADN), appelant une analyse d'ordre écologique, c'est-à-dire partant des écosystèmes numériques eux-mêmes et prenant pour objet d'investigation non plus les segments langagiers extraits de leurs environnements (approche logocentrée), mais ces environnements numériques dans leur ensemble (PAVEAU, 2013b) (Paveau, 2016, p. 14)²¹.

Voltando à **Imagem 06**, temos uma ecologia tecnodiscursiva evidenciando os achados (que o www.google.com mediante a busca e o fator algoritmo julgaram mais relevantes) que se abrem para uma salamandra discursiva²² (Paveau, 2021) com um renque de tecnografismos. Destacamos, aqui, apenas com os dois primeiros achados, a saber:



Imagem 07 - Achado 01 (busca no google.com de lockdown+pandemia+aglomeração+Bolsonaro+imagem)

Fonte - <https://oglobo.globo.com/politica/bolsonaro-participou-de-pelo-menos-84-aglomeracoes-desde-inicio-da-pandemia-1-25047640>

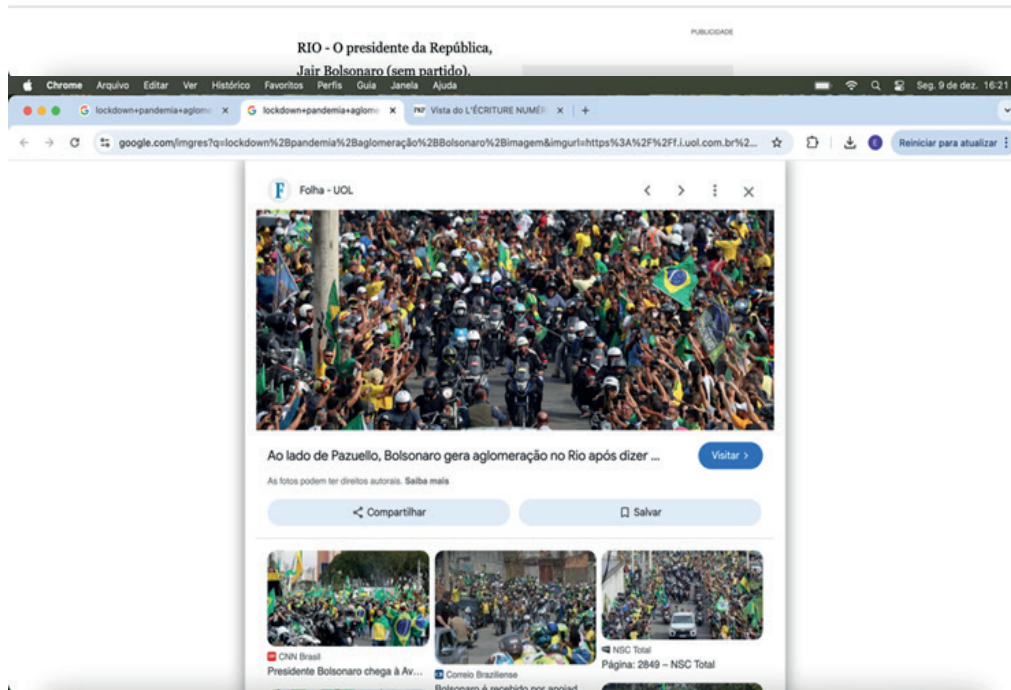


Imagem 08 - Achado 02 (busca no google.com de lockdown+pandemia+aglomeração+Bolsonaro+imagem)

Fonte - <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2021/05/bolsonaro-passeia-de-moto-e-gera-aglomeracao-no-rio-apos-dizer-que-teve-sintomas-de-covid-19.shtml>

23. Disponível em: <https://www.gov.br/saude/pt-br/centrais-de-conteudo/publicacoes/boletins/epidemiologicos/covid-19/2020/boletim-epidemiologico-no-25-boletim-coe-coronavirus.pdf/view>

Jair Bolsonaro esteve em Campo Alegre de Lourdes, Bahia, em 30 de julho de 2020, quando a foto que estampa a ecologia da **Imagem 07** foi feita. Estávamos no ápice da pandemia, com média diária de mortes de 1500²³ pessoas e Bolsonaro participava de seu primeiro evento público após se recuperar da infecção pelo novo coronavírus. Na imagem, vemos o ex-presidente com a máscara no queixo, montado em um cavalo, usando um chapéu característico do homem sertanejo com a escrita da palavra Brasil, cumprimentando a população. Podemos ver, também, a bandeira do Brasil e apoiadores com a camisa da seleção brasileira de futebol, alguns usando máscara e a maioria, assim como o então presidente, sem o seu uso correto ou mesmo sem o item de segurança epidemiológica. Naquela cronotopia, duas medidas sanitárias eram obrigatórias: evitar aglomerações e o uso obrigatório de máscaras. Entretanto, a maior autoridade política do país produz um efeito de sentido que nega as determinações da ciência: aparece aglomerando e sem o uso correto do equipamento de segurança. A imagem causa em seu interlocutor, haja vista a posição de poder que Bolsonaro ocupava, um discurso de autoridade (Volóchinov, 2018) do ex-presidente que autoriza que o cidadão comum abra mão do cumprimento das determinações impostas pela Vigilância Sanitária e fique descrente em relação ao que diz a ciência sobre a pandemia em si e sobre as formas de controle sanitário. Para além disso, ao usar artefatos da cultura local (chapéu e montaria em cavalo) e roupas simples (camisa de manga curta com botões abertos e sem o uso de roupa formal própria do cargo que ocupa, como gravata e terno) as câmeras flagram a imagem de um homem modesto, popular e que fala diretamente com o cidadão comum, traços muito bem descritos por Burke (2017, p. 104) quando analisa a estátua do imperador Augusto (63 a.C. -14 d.C.) e diz que “os pés descalços do soberano não são um sinal de humildade, como pode pensar o espectador moderno, mas um meio de assimilar Augusto a um deus”. E foi como um messias que Jair Bolsonaro se posicionou para os seus apoiadores.

A construção da salamandra discursiva da **Imagem 08**, por sua vez, revela o ex-presidente como um homem simples em uma moto, ou seja, procurando beneficiar a sua popularidade, passando uma imagem de motoqueiro. Era 23 de maio de 2021 e Bolsonaro, ao lado do ex-ministro da saúde, General Pazuello, três dias após informar que teve sintomas gripais compatíveis com os de covid-19, participou de aglomerações. Nessa mesma semana, a média de mortes diárias era de 1909 óbitos²⁴. Nas imagens, vemos diversas pessoas sem máscaras, inclusive Bolsonaro e toda a sua comitiva não fazem uso do equipamento. Além disso, observam-se bandeiras do Brasil, camisetas da seleção nacional de futebol, uma pessoa com máscara estampando o rosto de Donald Trump (ex-presidente dos EUA à época), o presidente em sua moto acenando com a mão direita. O compósito tecnográfico mostra o desprezo presidencial em torno de sua gerência da pandemia e mesmo uma insensibilidade em relação à quantidade de mortes diárias de cidadãos vitimados pela covid-19. A imagem, como enunciado concreto, congrega uma cronotopia conhecida de todos: a sintetização do que foi a pandemia no governo Bolsonaro, por isso é dialógica, e é responsiva. Afinal de contas, quem fez a foto, imprimiu seu olhar valorativo, avaliativo e enquadrando a cena de forma a mostrar um recorte: um presidente negacionista, insensível com o cenário atual do país, apoiado por um séquito em verde e amarelo e com respaldo de um outro notório negacionista da pandemia, Donald Trump.

O negacionismo de Bolsonaro sobre o isolamento/*lockdown* tinha um motivo: a economia. Havia uma finalidade subjacente à negação da ciência: a de ‘salvar a economia’ e, por conseguinte, salvar o seu mandato e a possibilidade de sua reeleição. Nas palavras de Bolsonaro, “Nós devemos salvar a economia, porque economia é vida”²⁵. Lamentavelmente, não tivemos palavras tão complacentes do ex-presidente sobre as vítimas da covid-19.

24. Disponível em: https://www.gov.br/saude/pt-br/centrais-de-conteudo/publicacoes/boletins/epidemiologicos/covid19/2021/boletim_epidemiologico_covid_65_final4junho.pdf/view

25. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/politica/economia-tambem-e-vida-diz-bolsonaro-em-reuniao-com-empresarios-no-stf/>

2.3. VACINA, VACHINA, CONTRAIR HIV E VIRAR JACARÉ: O NEGACIONISMO NA PONTA DA AGULHA

Burke (2017), em *Testemunha ocular: o uso de imagens como evidência histórica*, nos diz que a imagem tem o seu lugar ao lado de textos literários e depoimentos orais como fontes capazes de deixar ver a opacidade da história e os efeitos de discursos sobre os sujeitos ao longo dos tempos. De algum modo, somos testemunhas oculares de acontecimentos que perpassam as esculturas, os quadros, os monumentos (Burke, 2017), e chegam a nós por meio de imagens criadas e editadas com finalidades específicas, entre elas as dispostas em ambientes virtuais. Certamente, no momento que o leitor se deparara com esse nosso texto, seu *smartfone* recebeu alguma notificação de um tecnodiscurso aliado a um tecnografismo. Quer seja pelo *Instagram*, *X* ou *Facebook*, lugares marcadamente de apelos gráficos, ou mesmo pelo *WhatsApp*, aplicativo mais voltado para a comunicação interpessoal, estamos expostos às discursividades virtuais que apresentam um recorte de um fato histórico em todo o tempo. Somos historiadores da virtualidade que nos rodeia. Somos, da mesma forma, arqueólogos de discursos e promotores de novos enunciados.

Pensemos, agora, no impacto de imagens sobre a vacina em um momento em que essa era o único “remédio” capaz de barrar o avanço da doença que o novo coronavírus impusera. Por um lado, estávamos atônitos com a pandemia e vislumbrávamos o fim dela o quanto antes e, para isso, a vacina seria a única solução, já que isolamento/lockdown, máscaras e higienização de superfícies não foram suficientes para decretar o fim da crise; por outro, começamos a ser alvo de um fluxo intenso de discursos anti-vacinas (ou *anti-vax*, como ficou mundialmente conhecido), incluindo aqui a agenda de desinformação de Jair Bolsonaro. No período pré-pandemia, o Brasil ostentava números altos de vacinação para o combate de diversas patologias;

estava cristalizado o discurso de que vacina salva vidas e o Zé Gotinha já era, desde a década de 1980, um conhecido da população brasileira. No período pós-pandemia, vimos o número de vacinados (não apenas contra a covid-19) cair à medida que discursos anti-vacinas ganhavam destaque, ocupando edições de revistas e mesmo discursos presidenciais. Quatro capas da Oeste, no período em análise, trouxeram o enunciado vacina; outras, embora sem a palavra, traziam alguma relação da vacina com a pandemia. Dessas, escolhemos duas que, de algum modo, apresentam as regularidades discursivas comum em todas. São elas:



Imagem 09 - Edição 32. Revista Oeste (03/10/2020)

Fonte - https://revistaOeste.com/edicoes-antiores/?edition_slug=32

Imagem 10 - Edição 67. Revista Oeste (02/07/2021)

Fonte - https://revistaOeste.com/edicoes-antiores/?edition_slug=67



Àquele momento algumas vacinas se mostraram promissoras e em fase adiantada de testes: uma chinesa (CoronaVac), uma russa (Sputnik V), uma inglesa (AstraZeneca), duas estadunidenses (Moderna e Pfizer)²⁶. Dessas, a CoronaVac mobilizou as discussões no Brasil. Em parceria com o Instituto Butantan (fundado e custeado pelo Estado de São Paulo), a Sinovac Biotech (farmacêutica chinesa) disponibilizou a tecnologia e a matéria prima para a confecção das vacinas no Brasil. O que seria um motivo de alívio, encabeçou uma disputa entre o governo de São Paulo (João Dória 2018-2022) e Jair Bolsonaro (2018-2022) pela “paternidade” do

26. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/saude/qual-a-eficacia-das-principais-vacinas-contr-a-covid-19/?hidemenu=true>

fármaco no país. Já que o laboratório era estadual, Dória se apresentava como um gestor da crise sanitária no país, restando a Jair Bolsonaro fazer ataques à CoronaVac com a finalidade de atingir o ex-Governador que, antes aliado, era um rival e postulante ao cargo de presidente do Brasil nas eleições seguintes.

A política de desacreditar a CoronaVac tornou-se uma agenda governamental de Jair Bolsonaro. Em diversas ocasiões, ele se referia à vacina como “vacina chinesa²⁷” e chegou a dizer que não compraria vacina da China²⁸. O discurso anti-vacina de Bolsonaro não parte de um estudo científico; pelo contrário, se dá no senso comum, sem evidência de estudos e sem comprovação, sendo, por isso, um discurso negacionista. Mas, usando de sua posição de chefe de Estado, o ex-presidente produz um enunciado, que manifesta uma posição de verdade e de autoridade (Volóchinov, 2018), e autoriza o seu interlocutor: a) não se vacinar; b) se posicionar contra a vacina e c) em estreito dialogismo com o discurso de Jair Bolsonaro, produzir novos enunciados, como os que podemos ler e ver nas duas capas da *Oeste* em análise.

Paveau (2022, p. 341) nos diz que tecnografismo é “uma produção semiótica que associa texto e imagem num compósito nativo de internet”. No caso específico da *Oeste*, uma publicação unicamente virtual, podemos entender as capas como exemplos práticos de tecnodiscursos que fazem apelos a tecnografismos, da mesma forma como os elementos compósitos da revista. Nessa linha, a **Imagem 09** cumpre o papel de (des)informar por meio de elementos gráficos: ao centro, uma ampola com a bandeira da China; no entorno, várias seringas apontadas para o frasco com o fármaco. Os textos verbais, nesse caso, são excesso. A imagem, por ela própria, traduz o que a revista tem a dizer e é dialógico com a **Imagem 10**: uma grande interrogação sobre um frasco do imunizante da Sinovac Biotech. Obviamente, essas duas capas foram pensadas e arquitetadas (lembramos da arquitetônica dos gêneros em Bakhtin (2016)) a partir de

27. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/saude/qual-a-eficacia-das-principais-vacinas-contr-a-covid-19/?hidemenu=true>

28. Disponível em: <https://www.poder360.com.br/governo/nao-compraremos-vacina-da-china-diz-bolsonaro/>

uma finalidade específica: lançar dúvidas sobre a vacina, mas com uma intenção ideológica de atacar a China, por ser um país de esquerda, portanto campo oposto a Bolsonaro, e João Dória, desafeto do ex-presidente à época.

O negacionismo difundido por Bolsonaro chegou ao cidadão comum como um estatuto de verdade. A campanha para vacinação em massa da população brasileira precisou do empenho da sociedade de modo geral, não figurando um portfólio que encabeçasse uma agenda do governo. Assumimos, portanto, a responsabilidade de fazer com que “vacina no braço” se tornasse um discurso comum e, para isso, apelamos para diversas linguagens: campanhas na TV, tecnodiscursos em redes sociais, conversas ao pé do ouvido e carnavalizamos a posição anti-vacina como um discurso, por um lado, jocoso e, por outro, perigoso. Em pronunciamento oficial do ex-presidente na cidade de Porto Seguro (BA), em 17 de dezembro de 2020, Jair Bolsonaro disse como chiste e apelando para a linguagem informal carregada de analogias, característica de um discurso de *fake news* (Bernardi, 2020), que tomar a vacina da Pfizer poderia fazer com que o sujeito virasse jacaré, nascesse barba em mulheres e os homens ficassem com a fala fina²⁹.

A reação a esse discurso, ou nos termos bakhtinianos a responsividade (Bakhtin, 2015; 2026), se deu de diversas formas. Uma destaca-se em particular: a carnavalização da postura do ex-presidente. Para Bakhtin (2013), o carnaval é um elemento de natureza simbólica que traduz manifestações da cultura popular (ele fala da cultura popular na Idade Média, objeto de estudo de sua tese), sendo um princípio coerente, organizado, dialógica e responsivamente situado como efeito da compreensão do mundo. Não se trata, conforme Bakhtin, de um fenômeno literário, mas, sim, de um espetáculo que evidencia a natureza simbólica da linguagem na condição de resposta às provocações sociais. A esse fenômeno Bakhtin (2013) nomeia car-

29. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/ultimas-noticias/afp/2020/12/18/bolsonaro-sobre-vacina-de-pfizer-se-voce-virar-um-jacare-e-problema-de-voce.htm>

Os enunciados acima, em sua constituição compósita tecnográfica, mostram uma encenação no desfile da Escola de Samba Rosas de Ouro em São Paulo na data de 24 de fevereiro de 2022, primeiro carnaval pós-pandemia. Vemos, na cena, o ex-presidente Bolsonaro sendo vacinado por uma enfermeira e, em seguida, virando um jacaré. Alegoricamente, a Escola aposta no chiste e no tom jocoso para desconstruir o discurso anti-vacina de Bolsonaro que se popularizou com sua fala sobre a vacina da Pfizer: virar jacaré. Ao trazer para a apoteose do samba na Anhembi (SP) esse discurso, enxergamos os seguintes movimentos: a agremiação Rosas de Ouro recupera o enunciado “virar jacaré”, estabelece uma relação dialógica (Bakhtin, 2015) com o samba-enredo “Cura”³⁰, carnavaliza o discurso de autoridade (Volóchinov, 2018) de Jair Bolsonaro e nos apresenta um efeito de sentido responsivo (Bakhtin, 2016) às provocações enunciadas pelo ex-presidente em sua fala de 17 de dezembro de 2020 em Porto Seguro, Bahia.

30. Disponível em: <https://www.sambariocarnaval.com/index.php?sambando=paulista58>

As alegorias tecnográficas presentes no desfile por si só cumprem a sua finalidade comunicativa. Isso se comprova, por exemplo, ao observarmos a imagem ou mesmo assistindo ao desfile com o som desligado. Em 2022 Bolsonaro ainda era o presidente do Brasil e se preparava para tentar a reeleição. O enredo, preparado no ano anterior, teve a sua concretização como um embate não contra apenas a figura de Bolsonaro candidato, mas, sim, contra a sua posição negacionista como presidente, uma vez que o desfile o traz em uma posição assustada frente à ciência (seringa e enfermeira) e se tornando o que ele tanto temia: uma alegoria que produz o riso e não o medo.

3. CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Não se pode exigir, *a priori*, de uma revista de variedades a responsabilidade de divulgar ciência, mas não se pode endossar discursos de negação da ciência e *fake news* como matérias a fim

de apoiar posições ideológicas sem o compromisso com a verdade (aquela pautada na ciência). Os negacionismos sobre a pandemia em redes sociais no período de 2020 a 2022 (Assunção; Cavalcante Filho, 2024a; Assunção; Cavalcante Filho, 2024b; Assunção; Cavalcante Filho, 2024c) após uma arqueologia dos enunciados nos mostraram um endereço certo: o gabinete do ex-presidente Bolsonaro. Não podemos, contudo, dizer que Bolsonaro é um Adão bíblico responsável pela maquinaria da desinformação, entretanto dela fez uso para gerenciar de forma desastrosa a crise sanitária que se abatia no país, uma vez que Jair Bolsonaro era maior autoridade do país e seu discurso negacionista produziu em muitos interlocutores um discurso de verdade.

Se Bolsonaro se valia de sua posição para produzir um discurso de verdade, a revista *Oeste*, por sua vez, se apoiou nas garantias que um periódico possui de informar para, nesse caso, desinformar e alimentar a bolha (Fancelli, 2022) no entorno do ex-presidente. As capas dispostas no **Quadro 1** mostram o empenho da *Oeste* em referendar a posição de Bolsonaro sobre a pandemia e, *pari passu*, retroalimentar os discursos apócrifos que apareciam rarefeitos nas redes sociais e nas mídias à época (Assunção; Cavalcante Filho, 2024c): a) o uso da cloroquina/hidroxicloroquina no tratamento da covid-19 e mesmo certa imunização contra o vírus, b) o isolamento/*lockdown* como cerceamento de liberdades e c) a vacinação como causadora de um mal maior (mudar a fala, nascer barba e contrair HIV).

Os tecnografismos que ocupam o gênero capa de revista são pensados para circular em meios digitais, haja vista a possibilidade de compartilhar em redes sociais o que a própria revista oferece. Ao clicar na capa, o leitor recebe, logo abaixo, a opção de compartilhar por meio dos ícones das principais redes sociais disponíveis no país. Utilizando-se de chamadas diretas, com uso de termos comuns e imagens que comunicam diretamente com o interlocutor, a revista

Oeste vê o seu alcance se popularizar nas redes sociais e, munida de tecnografismos próximos da bolha (Fancelli, 2022) a que se destina e se comunica, (re)produzir posições enunciadas nos discursos de autoridade de Bolsonaro.

A pandemia e Jair Bolsonaro parecem pertencer já ao passado, afinal, os casos de covid-19 quase não são noticiados, não se ouve falar em surtos e Jair Bolsonaro está temporariamente inelegível. Mas o discurso, esse dis-curso ou não-curso, não se apaga. Pelo contrário, ele se reinventa pela dialogia que mantém com os interlocutores, se reorganiza responsivamente, reaparece inaugurando um novo enunciado e vez ou outra se carnaliza. Afinal de contas, mesmo com todas as agências de checagem de discursos falsos, entre eles o negacionismo, Donald Trump novamente se elegeu presidente dos EUA com *fake news* e discursos negacionistas em sua pauta que se revestiu em costumes, tradição, família e propriedade.

REFERÊNCIAS

Associação Brasileira de Normas Técnicas (2004). *Sinalização de segurança contra incêndio e pânico - Parte 2: Símbolos e suas formas, dimensões e cores*. (ABNT NBR 13434: 2004). Disponível em: <https://www.gmfmontagens.com.br/assets/content/downloads/2061c032257a56b631877882dc030d66.pdf>

Assunção, E. T. C; Cavalcante Filho, U. (2024a). Não é só uma gripezinha, Presidente! A responsividade enunciativa materializada em comentários e cartazes. *Contribuciones a las ciencias sociales*, 17(1), p. 7161–7183. <http://doi.org/10.55905/revconv.17n.1-432>

_____(2024). O discurso contemporâneo de negação da ciência sob a ótica da Linguística Aplicada em periódicos científicos brasileiros. *Diálogo das Letras*, 13, e02409. <https://doi.org/10.22297/2316-17952024v13e02409>

_____(2024). Pesquisa em rede social sob a ótica bakhtiniana do dialogismo e da responsividade: a negação da ciência (entre)vista em tecnodiscursos no X/Twitter. *Revista de Estudos da Linguagem*, 32(2), 449–478. <https://doi.org/10.17851/2237-2083.32.2.449-478>

Bakhtin, M. (2013). *A cultura popular na Idade Média e no Renascimento: O contexto de François Rabelais* (8a ed.; Y. F. Vieira, Trad.). Hucitec.

_____(2015). *Teoria do romance I. A estilística* (P. Bezerra, Trad.). Editora 34.

_____(2016). *Os gêneros do discurso* (P. Bezerra, Trad.). Editora 34.

_____(2016). O texto na linguística, na filologia e em outras ciências humanas: Um experimento de análise filosófica. In *Os gêneros do discurso* (P. Bezerra, Trad.; pp. 71–107). Editora 34.

_____(2018). *Problemas da poética de Dostoiévski* (5a ed.; B. Paulo, Trad.). Forense Universitária.

Bentes, A. C. (2001). Linguística textual. In F. Mussalim & A. C. Bentes (Orgs.), *Introdução à Linguística: Domínios e Fronteiras* (Vol. 1, pp. 245–287). Cortez.

Bernardi, A. J. B. (2020). *Fake news e as eleições de 2018 no Brasil: Como diminuir a desinformação?* Appris.

Brait, B. (2006). *Teoria e análise do discurso*. In B. Brait (Org.), *Bakhtin: Outros conceitos-chave* (pp. 9–32). Contexto.

Burke, P. (2017). *Testemunha ocular: O uso de imagens como evidência histórica*. Editora Unesp.

Correa, T. M. (2019). Semissymbolismo como estratégia didática na Semiótica Visual. *Estudos Semióticos*, 15(2), 133–142. <https://doi.org/10.11606/issn.1980-4016.esse.2019.157125>

Fancelli, U. (2022). *Populismo e Negacionismo: O uso do negacionismo como ferramenta para a manutenção do poder populista*. Appris.

Flick, U. (2009). *Introdução à pesquisa qualitativa*. Artmed.

Grillo, S. V. de C. (2012). Fundamentos bakhtinianos para a análise de enunciados verbo-visuais. *Filologia e Linguística Portuguesa*, 14(2), 235–246. <https://doi.org/10.11606/issn.2176-9419.v14i2p235-246>

Koch, I. V. (1997). *O texto e a construção dos sentidos*. Contexto.

Koch, I. V., & Elias, V. M. (2002). *Ler e compreender: Os segredos do texto*. Cortez.

Marcuschi, L. A. (2008). *Produção textual, análise de gêneros e compreensão*. Parábola Editorial.

Minayo, M. C. S. (2012). Análise qualitativa: Teoria, passos e fidedignidade. *Ciência & Saúde Coletiva*, 17(3), 621–626. <https://www.scielo.br/j/csc/a/39YW8sMQhNzG5NmpGBtNMff/>

Mussi, R. F. de F., Mussi, L. M. P. T., Assunção, E. T. C., & Nunes, C. P. (2019). Pesquisa Quantitativa e/ou Qualitativa: Distanciamentos, aproximações e possibilidades. *Revista Sustinere*, 7(2), 414–430. <https://www.e-publicacoes.uerj.br/sustinere/article/view/41193/32038>

Paveau, M.-A. (2016). L'écriture numérique. Standardisation, delinéarisation, augmentation. *Fragmentum*, (48), 1519–9894. <https://doi.org/10.5902/fragmentum.v0i48.23296>

_____(2021). Resignificação em contexto digital. Edufscar.

Volóchinov, V. N. (2018). *Marxismo e filosofia da linguagem: Problemas fundamentais do método sociológico da linguagem* (S. Grillo & E. V. Américo, Trad.). Editora 34.

